



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

GLEYDSON BATISTA DA SILVA

**A SAÚDE COMO CONTEÚDO CURRICULAR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA NA ESCOLA DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

Recife
2026

GLEYDSON BATISTA DA SILVA

**A SAÚDE COMO CONTEÚDO CURRICULAR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA NA ESCOLA DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Educação Física da Universidade Federal
Rural de Pernambuco, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dr^a. Maria do Socorro
Valois Alves

Recife
2026

GLEYDSON BATISTA DA SILVA

**A SAÚDE COMO CONTEÚDO CURRICULAR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA NA ESCOLA DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Educação Física da Universidade Federal
Rural de Pernambuco, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

Aprovado em: 29/06/2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a. Maria do Socorro Valois Alves (Orientadora)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr^a. Rosangela Cely Branco Lindoso (Examinador Interno)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr^a. Rachel Costa de Azevedo Mello (Examinador Externo)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

S586s Silva, Gleydson Batista da.
A saúde como conteúdo curricular nas aulas de
educação física na escola do ensino fundamental anos
iniciais / Gleydson Batista da Silva. – Recife, 2026.
43 f.

Orientador(a): Maria do Socorro Valois Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura
em Educação Física, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. Saúde. 2. Saúde pública. 3. Educação física - Estudo e
ensino. 4. Ensino fundamental 5. Promoção da saúde. I.
Alves, Maria do Socorro Valois, orient. II. Título

CDD 613.7

Dedicatória:

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, a quem pertence a glória e honra, também aos meus pais e a minha avó Amélia (*in memoriam*) que partiu no início desse ano, era uma mãe para mim e me apoiava, incentivava e me tratava como filho, portanto a ela dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus. Toda essa trajetória é por causa dele e do sustendo que ele me deu, sua graça e seu amor me fizeram chegar aqui. Agradeço também a minha mãe e meu pai, que sempre me apoiaram e me ajudaram, meus pais são baluartes na minha vida. Agradeço a minha irmã que me ajudou muito na faculdade e em atividades que eu não sabia fazer. Agradeço também a minha namorada que me apoia muito e me ajuda demais, sempre me acompanhando e me incentivando, estando ao meu lado para me ajudar sempre. Também a minha professora Socorro Valois a quem eu me apeguei muito, é uma professora incrível e me ajudou demais, sem ela não conseguiria chegar aqui. Também aos meus amigos que fizeram parte dessa jornada pela graduação e me ajudaram muito.

Agradeço também ao corpo docente da universidade que trabalhou os conteúdos pertinentes à minha formação e que foram de grande valia para meu amadurecimento como docente profissional.

"Que o principal fim de toda vida e do aprendizado seja conhecer a Deus e a Jesus Cristo."
(Regras e Preceitos da Universidade de Harvard, 1643)

RESUMO

Este trabalho investiga a saúde como um tema relevante para ser abordado nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental Anos Iniciais e estratégias para sua aplicação. A pesquisa se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, analisando textos, artigos e documentos que falam sobre saúde e educação física. A saúde é um tema que vem se esvaziando na licenciatura em Educação Física e isso repercute nas escolas, a despeito de ser um conteúdo de imensa relevância, que pode ser vivenciado em relação com outros conteúdos, sendo assim, objetivamos compreender a importância da saúde como conteúdo curricular nas aulas de Educação Física na escola do Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º a 5º ano). Previsto nas bases curriculares, a saúde se constitui como um conteúdo que deve ser ministrado mediante diversas estratégias para sua abordagem, desde projetos em jogos escolares até a sua aplicação como tema transversal da matriz curricular. É importante a superação de visões limitantes como visões tecnicistas e tradicionais que geram afastamento do conteúdo da saúde e a adoção de abordagens mais atuais e reflexivas como a saúde coletiva que leva em conta o tecido social. Tais abordagens representam avanço e permitem aos alunos terem a saúde como tema que gera reflexão e criticidade e, aos professores, a reflexão sobre a importância desse conteúdo em sua formação e atuação profissional. Propomos uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, realizada por meio da análise de livros, artigos científicos e documentos relacionados a saúde e a educação física. Os resultados apontaram que a saúde constitui um tema essencial nas aulas de educação física dos anos iniciais, devendo ser abordada de forma crítica e reflexiva. Nessa perspectiva, a saúde, tema relevante, deve superar as visões que a limitam a apenas, a ausência de doenças, partindo para novas opções de abordagem, novas pesquisas e reflexões para as quais o presente trabalho, sem ter a pretensão de esgotar o tema, busca contribuir.

Palavras-chave: saúde; saúde coletiva; educação física; educação e saúde; promoção da saúde.

ABSTRACT (OBRIGATÓRIO)

This study investigates health as a relevant topic for Physical Education classes in the early years of elementary school, as well as strategies for its implementation. The research is bibliographic in nature, analyzing texts, articles, and documents concerning health and physical education. Health is a topic that has been losing prominence in Physical Education teacher training programs — a trend that impacts schools — despite being a highly relevant subject that can be explored in conjunction with other content areas. Thus, we aim to understand the importance of health as a curricular topic in Physical Education classes during the early years of elementary school (grades 1 through 5). Included in curriculum guidelines, health is a subject that should be taught using diverse strategies, ranging from school sports projects to its integration as a cross-curricular theme. It is important to move beyond limiting perspectives — such as technocratic or traditional views that distance the subject from the concept of health — and instead adopt more modern, reflective approaches, such as collective health, which takes the social fabric into account. Such approaches represent progress, enabling students to engage with health as a topic that fosters reflection and critical thinking, while encouraging teachers to reflect on the importance of this subject in their own training and professional practice. We propose a qualitative bibliographic study based on the analysis of books, scientific articles, and documents related to health and physical education. The results indicate that health is an essential topic in early elementary Physical Education classes and should be addressed in a critical and reflective manner. From this perspective, health — as a relevant topic — must transcend views that limit it merely to the absence of disease, moving instead toward new approaches, research, and reflections — to which this study seeks to contribute, without claiming to exhaust the subject.

Keywords: health, public health, physical education, education and health, health promotion

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS	13
2 PERCURSO METODOLÓGICO	13
3 A SAÚDE COMO TEMA NO COMPONENTE CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA: LIMITES E PERSPECTIVAS.....	16
3.1 A EDUCAÇÃO E SAÚDE NAS ESCOLAS E NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	16
3.2 A ABORDAGEM TRADICIONAL E TECNICISTA: LIMITAÇÕES PARA UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DE SAÚDE NO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA	18
3.3 CRÍTICA À CONCEPÇÃO DE APTIDÃO FÍSICA RELACIONADA À SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA	25
3.4 A PERSPECTIVA DA PROMOÇÃO DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	26
3.5 A PERSPECTIVA CRÍTICA DA SAÚDE COLETIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA	30
3.6 A SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC).....	33
3.7 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS QUE VIABILIZEM A ABORDAGEM DA SAÚDE COMO CONTEÚDO EM AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

A saúde é um tema que gera alguns debates nos campos da educação, principalmente porque este tema vem se esvaziando cada vez mais no tocante às licenciaturas, como diz Antunes (2021) “é possível apontar uma tendência de esvaziamento do tema saúde nas licenciaturas ao longo do tempo”. (Antunes, et al, pg. 1, 2021) e isso afeta as escolas, pois os professores deixam de trabalhar este tema nas escolas e tal esvaziamento se deve a atribuição de aptidão física ao tema da saúde nos cursos de educação física.

Além disso, Antunes (2021) aponta que com o passar do tempo as licenciaturas em educação física vem focando apenas na educação, como se a divisão entre bacharelado e licenciatura fizesse com que esta tivesse de trabalhar apenas com a educação, negando a saúde, atribuindo a ela a ideia de aptidão física como se a saúde não pudesse trabalhar ou ser trabalhada de outra maneira a não ser nessa perspectiva. Essa visão atinge as escolas privando os alunos do estudo desse conteúdo e os professores de adotarem abordagens diferentes daquelas que caminham na linha mais higienista, cuja concepção de saúde se restringe à prevenção de doenças.

A literatura da área aponta para essa problemática mostrando que, na escola, historicamente a saúde vem sendo trabalhada numa visão higienista conservada ao longo do tempo. Exemplo ilustrativo é a afirmação que na abordagem sobre a saúde, “ainda é conservada uma visão restrita e centrada na biologia e balizada na prevenção de doenças - concepção, inclusive, que se difunde nas escolas [...]”. (Rosas et al, p. 3, 2024).

Essa visão que exclui outros aspectos do saber se torna desinteressante para alunos e professores, por excluir possibilidades para se trabalhar temas sociais, culturais etc., sensíveis ao tema da saúde. A lacuna no processo formativo deixada pela ausência ou abordagem inadequada do tema, explica, em parte, a razão pela qual em geral, os professores não o adotam, possivelmente como afirma Fernandes (2005), por não saberem abordá-lo em suas aulas.

De acordo com Fernandes (2005) a maior responsabilidade do processo de educação em saúde é do professor, que deve trazer o aluno ao pensamento crítico e

reflexivo, mas que deve também incentivar o mesmo a ter uma vida saudável. Afirma ainda o autor, que os docentes desempenham um importante papel na promoção da saúde dos alunos no Ensino Fundamental, pois eles têm contato atuante com os alunos. A importância desse contato reside no fato de que o professor é o agente que deve levar os alunos de um conhecimento, um estado ou uma forma acrítica para um estado crítico e reflexivo. Segundo Saviani (2013) o professor tem uma visão sintética e deve levar os alunos, que por sua vez possuem uma visão sincrética, a uma visão crítica e reflexiva. Portanto, o professor deve levar conteúdo dos mais variados para fazer essa transição. É na esteira dessa variedade que a saúde pode ser considerada.

Portanto, considerando por um lado o esvaziamento do tema e por outro lado, a sua abordagem centrada no aspecto biológico, os professores deixam de trabalhar a saúde nas aulas ou não trabalhá-la em uma abordagem crítica, levando por conseguinte os alunos à privação de tal conteúdo. Assim, a lacuna deixada por um aprofundamento no tema da saúde em minha graduação somada à lacuna verificada nas aulas da educação básica durante a vivência nos estágios foi o que me impulsionou a investigar essa questão de pesquisa tomando como objeto de estudo a saúde como conteúdo curricular nas aulas de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental.

Durante a formação acadêmica, percebi uma lacuna significativa quanto ao tratamento do tema “saúde” nas disciplinas que compõem o curso de Educação Física. Essa ausência despertou a inquietação de compreender como essa lacuna pode refletir diretamente na prática docente, especialmente nas aulas de Educação Física escolar, que acabam por reproduzir esse mesmo esvaziamento, afetando a qualidade da formação dos alunos quanto à promoção da saúde.

Este trabalho busca contribuir com a produção científica no campo da Educação Física ao evidenciar a relevância da saúde como conteúdo curricular, defendendo sua presença como um eixo transversal. A pesquisa propõe demonstrar que é possível articular o ensino da saúde com elementos culturais, sociais e corporais, superando a visão reducionista de saúde como mera aptidão física. A intenção é oferecer caminhos e estratégias para que a saúde seja abordada de forma crítica, ampla e interdisciplinar, valorizando o papel do professor como agente de transformação.

Este trabalho objetiva contribuir para a área de educação física no tocante a saúde em sala de aula, levando o leitor a refletir sobre a importância da saúde na escola e como o professor de educação física pode contribuir para a promoção da saúde através dos conteúdos de sua área, tendo em vista a saúde como um tema relevante para ser trabalhado nas aulas de educação física em conexão interdisciplinar com a cultura e outros temas igualmente relevantes em suas aulas, buscando chegar a achados conclusivos através da análise de produções científicas que discutem educação, educação física escolar e saúde.

A relevância social desta pesquisa está em sua capacidade de problematizar a necessidade de promover uma cultura de conscientização sobre a importância da saúde como conteúdo curricular passível de ultrapassar os muros escolares. A inserção desse tema, nas aulas de Educação Física, contribui para formar alunos mais conscientes de seus corpos, de seus hábitos e de seu papel na sociedade, podendo inclusive levar esse conhecimento às suas famílias e comunidades. A escola, nesse sentido, torna-se um espaço estratégico para promover saúde integral e cidadania.

Neste sentido, delimitamos como problema de pesquisa: qual a importância da saúde como tema nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º a 5º ano)?

1.1 OBJETIVOS

Objetivo Geral: Compreender a importância da saúde como conteúdo curricular nas aulas de Educação Física na escola do Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º a 5º ano).

Objetivos Específicos: 1. Analisar como a saúde pode ser abordada nas aulas de educação física junto a outros temas; 2. Compreender como a saúde é entendida e como uma visão tradicional pode ser superada. 3. Examinar estratégias pedagógicas que viabilizem a abordagem da saúde como conteúdo em aula de educação física.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O trabalho ora apresentado teve como abordagem científica a pesquisa bibliográfica de textos sobre a temática realizada em livros, artigos científicos, dispositivos legais, na plataforma Portal periódicos da Capes e na SciELO com os termos usados para pesquisa sendo “Educação física OR saúde”, “educação OR saúde”, “ausência de saúde na escola de ensino fundamental”, “Saúde coletiva”, “Promoção da saúde”.

Foram selecionados artigos sobre educação e saúde, promoção da saúde, saúde e educação, saúde e Educação Física, saúde e ensino fundamental, professores e saúde, saúde coletiva, para composição do aporte teórico e discussão da temática. Inicialmente, foram levantados 23 textos relacionados ao tema da pesquisa. Após a aplicação dos critérios de seleção, 14 apresentaram relação com o objetivo do estudo. Dentre esses, cinco textos foram utilizados na fundamentação teórica por apresentarem maior aderência ao objeto de estudo e subsidiarem as discussões desenvolvidas neste trabalho. Também foi utilizada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A seguir um quadro apresentando os estudos selecionados:

Quadro 1 – Artigos selecionados na revisão bibliográfica

Ano	Autor(res)	Título	Fonte
Textos utilizados			
2021	Antunes, P. C.; Knuth, A. G.	Saúde e educação são temas pertinentes à licenciatura e ao bacharelado em educação física?	SciELO
2002	Buss, P. M.; Czeresnia, D.; Freitas, C. M.	Uma introdução ao conceito de promoção da saúde	Livro: Promoção da Saúde: conceitos, reflexões e tendências. (Fiocruz)
2021	Mantovani, T. V. L.; Maldonado, D. T.; Freire, E. S.	A relação entre saúde e educação física escolar: uma revisão integrativa	SciELO
2005	Fernandes, M. H.; Rocha, V. M.; Souza, D. B.	A concepção sobre saúde do escolar entre professores do ensino fundamental (1ª a 4ª séries)	SciELO
2015	Oliveira, V. J. M.; Martins, I. R.; Bracht, V.	Projetos e práticas em educação para a saúde na educação física escolar: possibilidades!	SciELO

Textos não utilizados			
2016	Brasileiro, I. t.; Ayoub, e.; melo, m. s. t.; Lorenzini, a. r.; Paiva, a. c.; Junior, m. b. s.	A cultura corporal como área de conhecimento da educação física	Revista Pensar a Prática
1987	Freire, P.	Pedagogia do Oprimido	Paz e Terra
2020	Ferreira, M. S.; Teixeira, J. C.	Educação Física Escolar e saúde: entendimentos e abordagens a partir da perspectiva discente	Momento: Diálogos em Educação
2024	Gaio, R.	O lúdico na iniciação esportiva: o caso da Ginástica Rítmica Popular	Conexões
2003	Libâneo, J. C.	Democratização da escola pública	Livro - Edições Loyola
2010	Lopes, M. S. V.; Saraiva, K. R. O.; Fernandes, A. F. C.; Ximenes, L. B.	Análise do conceito de promoção da saúde	SciELO
2022	Malacarne, J. A. D.; Rocha, M. B.	Educação física escolar e a educação em saúde: uma análise em dissertações e teses brasileiras	SciELO
2013	Matos, j. m. c.; Schneider, o.; mello, a. s.; neto, a. f.; santos, w.	A produção acadêmica sobre conteúdos de ensino na educação física escolar	Movimento
2023	Narduchi, F.; Struchine, M.	Educação física e saúde na escola pública: uma revisão sistemática da literatura	SciELO
2024	Rosas, R. R.; Oliveira, R. P.; Filho, V. C. B.; Oliveira, V. J. M.	Educação física escolar relacionada à saúde: uma revisão de escopo dos estudos no brasil	SciELO
2013	Saviani, D.	Escola e democracia: para além da teoria da curvatura da vara	Germinal: Marxismo e Educação em Debate
2014	Souza, L. E. P. F.	Saúde Pública ou Saúde Coletiva?	Espaço para a Saúde

Fonte: o autor

3 A SAÚDE COMO TEMA NO COMPONENTE CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA: LIMITES E PERSPECTIVAS.

Neste tópico, buscamos analisar como a saúde pode ser abordada nas aulas de educação física junto a outros temas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos diz que os alunos devem ter acesso a diversos conhecimentos e entre eles está a saúde, um tema que pouco é citado ou trabalhado dentro das aulas, pouco falado nos cursos de graduação, ocasionando um déficit relacionado ao conteúdo que deve ser trabalhado, mas que é deixado de lado ou vivenciado de forma errônea.

3.1 A EDUCAÇÃO E SAÚDE NAS ESCOLAS E NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Em concordância com Malacarne (2022, pg.2), “entende-se necessária a formação de professores/pesquisadores para envolver propostas críticas para o ensino da Educação em Saúde.” Assim é imprescindível, na formação de professores, o aprendizado para utilizar o tema da saúde dentro da sala de aula, pois é um tema importante e relevante que não pode ser deixado de lado, mas deve ser trabalhado junto aos alunos no ensino fundamental. Malacarne (2022) em sua pesquisa encontra dados que mostram que o campo da Educação Física está distanciado do tema da saúde, pois poucas são as pesquisas sobre educação em saúde, afirma o autor:

Há prevalência de termos como saúde, escola, atividade física, formação e ensino médio, ao passo que descritores como “educação em saúde” ou “educação para a saúde” pouco aparecem (6% dos trabalhos). Esses dados reforçam a necessidade de aproximação do campo da educação física com o da educação em saúde, sobretudo pelo seu viés pedagógico, entendendo que a saúde na escola precisa ser abordada em seu aspecto didático-político e não de forma isolada e/ou reduzida (Malacarne, Rocha, 2022, pg. 5).

Outros autores afirmam a necessária aproximação da Educação Física com a saúde. “Nessa perspectiva, uma aproximação entre a Educação Física e a saúde coletiva é importante [...]” (Mantovani, 2012, p. 2). Portanto, relacionar a saúde coletiva e Educação Física em suas práticas, é de suma importância e está previsto desde os Parâmetros Curriculares nacionais (PCNs), no qual foi considerado tema transversal, não devendo ser reduzida, nem isolada, tratada como algo à parte e sem importância ou relevância. Seu tratamento deve ser considerado como algo importante, que o aluno precisa ter entendimento e contato, razão pela qual o professor precisa ter uma formação que o faça compreender e aplicar da melhor forma esse conteúdo em suas

aulas. A afirmação da “importância da formação em educação física contemplar a Educação em Saúde, sobretudo com seus aspectos sociais, pedagógicos e culturais” (Malacarne; Rocha, 2022, p.5) destaca-se na literatura da área.

Vemos que a saúde abrange vários aspectos que são responsáveis por ela. Segundo Malacarne (2022), quando o professor tem uma boa formação ele consegue trabalhar de forma adequada o conteúdo da saúde nas escolas. São esses aspectos que se trabalhados de maneira eficaz dentro de sala de aula, agregam de forma positiva na vida dos alunos, pois a promoção da saúde propõe elementos que fazem com que os alunos adquiram competências e habilidades para suas vidas. Corroborando com esse pensamento, afirma Oliveira que:

A processualidade da promoção da saúde, no caso dos projetos construídos, é percebida quando propõe elementos para que os alunos possam obter competências e habilidades para agregar a seus projetos de vida elementos da cultura corporal de movimento. (Oliveira, 2015, p.5)

A saúde está relacionada à cultura corporal de movimento, quando bem trabalhada acrescenta conteúdos à vida dos alunos, por isso é importante ser estudada. Sem a saúde ser apontada no âmbito das aulas, os alunos ficam deficitários, pois perdem conteúdos necessários para sua formação, tendo em vista que para uma plena formação necessitam ter contato com os mais variados conteúdos.

Afirma ainda o autor que “também o espaço escolar é visto por diversos programas do Governo Federal, por exemplo, o Programa Saúde na Escola (PSE) como um locus privilegiado para a atuação em Saúde Pública.” (Oliveira, 2015, p.1). Esse programa, instituído pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, tem como um dos seus objetivos promover qualidade de vida aos estudantes por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde, ainda está em vigor e serve de reforço legal aos dispositivos que norteiam a educação.

A Escola é vista pelos programas do governo federal como um local privilegiado para a atuação da saúde pública, pois a escola é um ambiente de desenvolvimento dos alunos. A expectativa é que nela, os alunos se desenvolvam, cresçam, se tornando seres humanos com visão crítica com acesso à cultura e à cultura corporal de movimento. Esse local de atuação do professor possibilita o desenvolvimento crescente do aluno. Compreender a escola como locus privilegiado, não único, mas

um dos mais legítimos para propiciar o acesso a conteúdos e conhecimentos de diversas áreas, é compreender que a escola deve garantir o acesso dos alunos também ao conteúdo da saúde, como forma de viabilizar um desenvolvimento adequado.

3.2 A ABORDAGEM TRADICIONAL E TECNICISTA: LIMITAÇÕES PARA UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DE SAÚDE NO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA

Portanto, o professor pode e deve trabalhar a saúde como conteúdo curricular em suas aulas, não de forma tradicional, pois isso prejudicaria os alunos ao se restringir a uma visão biologicista, a qual segundo Narduchi (2023), trata-se de uma “bio-Educação Física”, que omite aspectos fundamentais relacionados à adesão ao exercício físico como os socioeconômicos e os educacionais. Quando o professor trabalha a saúde na abordagem tradicional, lança mão de uma abordagem prejudicial ao ensino e à aprendizagem e não leva em conta nem o conhecimento crítico, nem o social.

Na tendência tradicional o papel da escola é preparar os alunos intelectual e moralmente para que assumam seus lugares na sociedade, porém isso é feito de forma à parte da sociedade, sem levar em conta os problemas que nela estão arraigados. "O compromisso da escola é com a cultura, os problemas sociais pertencem à sociedade." (Libâneo, 2003, p.4) É como esse autor faz a crítica à abordagem tradicional. A tendência tradicional no ensino perdurou na escola por décadas e séculos, sendo ainda hoje reproduzida em algumas escolas.

Nesse contexto pedagógico, os professores apenas passam os conteúdos sem reflexão, reforçam paradigmas vencidos e no tocante à saúde reforçam apenas comportamentos ou estado do corpo, gordo e magro, por exemplo. Essa tendência pedagógica limita não só a saúde como conteúdo crítico e reflexivo claro. Assim, todo o ensino da escola é limitado por um ensino que fala pela fala, fazer por fazer, sem levar o aluno a pensar, refletir e criticar, tratando os alunos como papéis em branco que chegam sem nada e são impressas nele as informações das quais precisam.

Nessa perspectiva, a saúde não só perde como bem social, mas também como um conteúdo curricular que ajuda no entendimento de causas sociais e na reflexão sobre a sociedade. A partir do momento que o professor se utiliza da abordagem tradicional para basear suas aulas ele prejudica a construção da criticidade nos alunos.

Ainda Libâneo (2003) discutindo a tendência pedagógica tradicional, afirma que "os conteúdos são separados da experiência do aluno e das realidades sociais, valendo pelo valor intelectual [...]" (Libâneo, 2003, p.5). Nesse sentido, a perspectiva tradicional se faz de total separação da própria experiência do aluno e da sua realidade social, não levando em conta aquilo que o aluno já teve contato, como por exemplo noções erradas de saúde "gordos não são saudáveis", "não estar doente apenas, é ser saudável", "comida saudável é só salada" e etc. E essas noções erradas não são corrigidas porque o professor não leva em conta o que ele tem de experiência que pode ser corrigido e porque alguns, por abordar a saúde de maneira simplista e tradicional, acabam até por reforçar esses entendimentos equivocados.

Além disso, na concepção tradicional o professor se baseia na exposição e/ou apresentação, não traz o aluno para o debate, não promove a troca de ideias, não permite a reflexão e nem o diálogo professor-aluno, apenas ele fala e os alunos somente acompanham e internalizam o raciocínio feito pelo professor. Sendo assim, os alunos não são chamados a compartilhar o que sabem, não podem questionar e nem compartilhar, o que prejudica seu desenvolvimento e até a retenção de conteúdos. Essa abordagem, prejudica a forma como esses conteúdos são passados, a exemplo da saúde abordada apenas de uma forma ou perspectiva, inviabilizando debates ou reflexões passíveis de ir além dos muros da escola.

A perspectiva tradicional também não leva em conta o desenvolvimento da criança e as particularidades que isso traz para a assimilação de um conteúdo, tratando as crianças como adultos, como se elas tivessem a mesma capacidade de compreensão que um adulto. "Os programas, então, devem ser dados numa progressão lógica, estabelecida pelo adulto, sem levar em conta as características próprias de cada idade" (Libâneo, 2003, p.5), prejudicando assim a aprendizagem da criança e tornando mais difícil e desinteressante para elas o estudo e o ensino.

A saúde nesse processo de ensino e aprendizagem, tratada por um viés higienista e limitado focado apenas em exercícios, correção de postura e mudança de alimentação, sem levar em conta as peculiaridades da criança, o seu desenvolvimento, sua realidade social e concreta, o nível de desenvolvimento que ela se encontra, prejudica o entendimento do que é saúde em sua totalidade, levando a saúde, como conteúdo curricular, a ser preterida dentre os demais.

A avaliação nessa perspectiva também sofre, pois os alunos dependem de memorização, de conteúdos a serem resgatados através de questionários ou avaliações orais em curto prazo e em longo prazo. O conhecimento memorizado é usado em provas e/ou trabalhos de casa, limitando a aprendizagem, pois os alunos vivem na pressão para conseguir memorizar e alcançar boas notas. Caso não alcancem o resultado esperado, sofrerão consequências como punições, notas baixas, apelos aos pais. Isso causa problemas na aprendizagem, evidenciados através de efeitos negativos para a assimilação de conteúdos, como dentre outros, o esquecimento do que foi memorizado tão logo cessem os procedimentos avaliativos ou rejeição ao conteúdo cuja memorização lhe gerou tensões e ansiedade.

O ensino tradicional é uma barreira para a efetiva construção do conhecimento, tendo em si um efeito mais negativo que positivo, desestimulando a aprendizagem que permite a participação dos alunos, o debate de ideias e conhecimento prévio que ajuda no desenvolvimento dos alunos através da correção em diálogo.

Na abordagem tradicional "a transferência de aprendizagem depende do treino; é indispensável a retenção, a fim de que o aluno possa responder às situações novas de forma semelhante às respostas dadas em situações anteriores." (Libâneo, pg. 5, 2003) Os alunos não são estimulados a pensar, a agir de maneira criativa, as crianças não são deixadas à vontade para criar com aquilo que aprendem, até mesmo a forma que aprendem impede isso e promove a memorização de assuntos em vez de reflexão e criatividade sobre eles, dificultando a aprendizagem e o desenvolvimento crítico nos alunos. Nessa perspectiva, a saúde ao ser tratada de modo higienista e superficial, simplista e sem propósito claro, tem obscurecida a sua relevância como conteúdo escolar viabilizador de reflexões e dimensões que podem ser exploradas. A abordagem higienista da saúde representa um golpe na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos.

“Um enfoque crítico precisa então ser dado,” (Narduchi, 2023, p.2) sobre a visão de criticidade em relação à saúde, fugindo da abordagem tradicional, no sentido de que ela não propiciará reflexões aos alunos e não foca no desenvolvimento do aluno como ser crítico.

Outra abordagem pedagógica problematizada por Libâneo (2003) é a tecnicista. Tal abordagem limita o desenvolvimento dos alunos, ao priorizar modelos de aprendizagem prontos, orientados por manuais que devem ser seguidos pelos professores, limitando também a prática pedagógica. O autor ao discutir as características da abordagem tecnicista informa que "à educação escolar compete organizar o processo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos, úteis e necessários para que os indivíduos se integrem na máquina do sistema social global." (Libâneo, 2003, p.28-29)

É apenas formação de pessoas que não tem uma mente crítica, visando, entre outros fins, a formação de mão de obra para o mercado de trabalho, a partir da aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos para que o aluno se integre nesse universo laboral. O tecnicismo busca formar alunos programados como maquinário, formar uma massa acrítica. Trata-se de uma abordagem que não discute o mundo do trabalho, mas se propõe a preparar para o mercado que é apenas um recorte desse mundo, impondo reducionismo ao rico e complexo processo de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, um prejuízo é causado ao desenvolvimento e aprendizagem aos alunos, pois, as crianças que possuem diferentes fases de desenvolvimento e jeitos de pensar, agir e se comportar são vistas como futuros trabalhadores em vez de seres humanos em desenvolvimento. Todo esse modelo prejudica não só os alunos, mas os conteúdos transmitidos a eles, a exemplo da saúde, que em vez de ter seus pilares centrados na sociedade e ter a participação de todos os indivíduos na formação e desenvolvimento é tratada apenas como um meio para que os alunos venham a ter força e compleição física para ingressar no mercado de trabalho e fazer mais, trabalhar mais e produzir mais. Foca apenas em exercícios e modelos de treino para capacitação e alto rendimento, como se saúde se resumisse única e exclusivamente a exercícios, treinos e falta de doença, o que lesa a saúde como conteúdo, a visão que se tem dela e sua importância para com os alunos.

Uma visão como essa torna a saúde desvalorizada no meio educacional, sendo tratada como de menor importância. Os princípios do tecnicismo estendem-se a todos os conteúdos da escola transformando-os em ferramentas para formar competência ou habilidade nos alunos, futuros agentes para operar de forma eficiente no mercado de trabalho. Os conteúdos são apenas passados sem nenhuma criticidade ou reflexão, sem gerar diálogos ou discussões de ideias. Essa abordagem não dá espaço para consideração de conhecimentos prévios ou qualquer outro diálogo sobre os assuntos propostos nos manuais curriculares elaborados por tecnocratas e entregues aos professores para transmissão na íntegra.

A escola atua, assim, na reprodução da ordem social. Segundo Libâneo (2003) seu interesse imediato é o de produzir indivíduos "competentes" para o mercado de trabalho. Nessa perspectiva reprodutivista os alunos perdem em educação e conhecimento. Perdem também no tocante à relação professor-aluno, que se torna mecânica e verticalizada. Essa abordagem tipifica de modo singular a pedagogia bancária classificada por Freire (1987).

Sobre a forma de tratamento dos conteúdos afirma Libâneo (2003) que são passados mediante duas perspectivas "é matéria de ensino apenas o que é redutível ao conhecimento observável e mensurável; os conteúdos decorrem, assim, da ciência objetiva, eliminando-se qualquer sinal de subjetividade" (Libâneo, 2023, p.7). Não há espaço para o subjetivo, para o que está nas entrelinhas, nem estímulo para pensar além do conteúdo, elaborando novas informações a partir das subjetividades que podem problematizar aquele conteúdo oportunizando a reelaboração das aprendizagens. Quanto ao método dessa abordagem, Libâneo sublinha que:

[...]o emprego da tecnologia instrucional na escola pública aparece nas formas de: planejamento em moldes sistêmicos, concepção de aprendizagem como mudança de comportamento, operacionalização de objetivos, uso de procedimentos científicos (instrução programada, audiovisuais, avaliação etc., inclusive a programação de livros didáticos." (2003, p. 8)

A escola passa a funcionar como um sistema fechado e organizado de empresa, onde existem objetivos predefinidos, etapas padronizadas, foco em eficiência, tudo traduzido em manuais, o que tira a autonomia do professor e ignora a realidade do aluno, contexto da turma e diferenças individuais. Transforma tudo em objetivos específicos e mensuráveis na escola, por causa da operacionalização de objetivos, feito assim para que ao final da aula o aluno possa repetir o que foi passado,

de forma mecânica e memorizada, deixando de ser reflexão histórica e se tornando memorização.

Os procedimentos científicos adotados geram rigidez no cumprimento das etapas de ensino do conteúdo que devem obedecer a uma sequência posta nos manuais e podem utilizar recursos audiovisuais no lugar do professor, avaliação e livros didáticos programados, retirando o caráter político e social da educação, reduzindo a educação a técnica e performance, o que prejudica a aprendizagem crítica de todos os conteúdos, inclusive a saúde.

O professor é apenas um aplicador de um modelo programado, não é autônomo e todos os conteúdos servem apenas como um meio de mudança de comportamento, memorização e repetição sem nenhuma criticidade. Um modelo de empresa aplicado numa escola que restringe a educação ao reprodutivismo e a torna apenas um meio para produção de mão de obra que repetem aquilo para o qual foram formados de modo mecânico e sem autonomia para o desenvolvimento do pensamento crítico. Nesse contexto, a saúde como conteúdo curricular se resume a um meio de exercitar os futuros trabalhadores para que eles tenham saúde para ingressar no mercado de trabalho e produza com eficiência. O papel do professor e do aluno nessa abordagem é apenas de assistir o funcionamento da "empresa"

[...]o professor é apenas um elo de ligação entre a verdade científica e o aluno, cabendo-lhe empregar o sistema instrucional previsto. O aluno é um indivíduo responsivo, não participa da elaboração do programa educacional. Ambos são espectadores frente à verdade objetiva. (Libâneo, 2003, p.30)

Afirma ainda Libâneo (2004, p.8) que na abordagem tecnicista, "o ensino é um processo de condicionamento através do uso de reforçamento das respostas que se quer obter." Reforça-se a resposta pretendida no que se refere ao conteúdo e ao comportamento, através de elogios, premiações, classificação dos alunos por nível de respostas positivas, láureas etc. Paralelamente as respostas que contrariam a resposta esperada sobre conteúdos e comportamentos causam punições, reprimendas e castigos aos alunos.

Portanto, uma abordagem crítica, fugindo de abordagens que tratam o ensino de maneira rígida e sem reflexão, é fundamental para a aprendizagem da saúde como conteúdo curricular, conteúdo que agrega muito para o crescimento dos alunos e

capaz de gerar reflexões e diálogos contribuindo para o desenvolvimento crítico dos alunos. Segundo Narduchi:

Devemos entender, porém, que a Aptidão Física Relacionada à Saúde acaba sendo ideológica e política (CRAWFORD, 1977) e essa associação entre exercício físico e saúde, numa relação de causalidade, é vista como um “otimismo ingênuo” (SOBRAL, 1990), pois nem sempre corresponde à realidade. A existência de desigualdades estruturais dificulta a adoção desses estilos de vida ativa e as enfermidades não são dissociadas desses contextos determinantes para sua ocorrência (Palma; Bagrichevsky, 2005. apud Narduchi 2023, p.3).

Com uma visão para aptidão física e biologicista, experiências pedagógicas valiosas seriam perdidas tanto na concepção tradicional como na concepção tecnicista de ensino, pois ambas não levam em conta o aspecto social ignorando as condições de existência do aluno, a sua realidade, afastando o aluno do âmbito da saúde por não ter condições de se encaixar nela. Essas abordagens são prejudiciais para o desenvolvimento do aluno, para a visão da saúde na escola e sua importância, levando também a uma perspectiva higienista da saúde que, infelizmente, ainda deixa marcas nas práticas pedagógicas atuais, de forma que,

A perspectiva higienista que influenciou a origem e esteve presente em diferentes momentos da constituição histórica da EF no [...] ainda hoje deixa marcas. Ela se evidencia, por exemplo, na concepção da aptidão física relacionada à saúde, na qual a dimensão biológica é priorizada e se atribui à EFE a tarefa de ampliar o tempo de atividade física e desenvolver a aptidão física dos(as) estudantes, além de transmitir conhecimentos sobre o exercício físico [...]. (Mantovani, 2012, p.2).

Muitos professores ainda possuem essa visão de Educação e Saúde, que prevalece na maioria das escolas, com aulas voltadas para aptidão física. Uma visão de que saúde é apenas falta de doença, exercício físico, sem criticidade, sem levar em conta o social, sem contribuir para que o aluno alcance uma visão crítica, mas apenas uma visão de que ele precisa se exercitar. Infelizmente, essa perspectiva de Educação Física e saúde é a mais utilizada pelos professores, mas deve ser superada, pois a saúde vai além de um aspecto biológico e falta de exercícios ou ausência de doenças.

3.3 CRÍTICA À CONCEPÇÃO DE APTIDÃO FÍSICA RELACIONADA À SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Na esteira da discussão sobre concepções de saúde como conteúdo curricular, emerge a concepção de Aptidão física relacionada à Saúde na década de 80, que tem suscitado crítica ao afirmar que:

A Educação Física contribuiria para a melhoria da saúde e da qualidade de vida da população [...]. Embora considerado um avanço, esse movimento parte de uma abordagem essencialmente biológica da questão. Trata-se de uma “bio-Educação Física”, que omite aspectos fundamentais relacionados à adesão ao exercício físico como os socioeconômicos e os educacionais. Um enfoque crítico precisa então ser dado (Narduchi, 2023, p.1).

Essa crítica evidencia que o movimento da década de 1980, tem seu mérito na problematização das concepções então correntes, não na eficácia de uma concepção que se mostra significativamente inovadora. As práticas pedagógicas continuam marcadas pela ausência da criticidade, levando muitos professores a ministrarem suas aulas utilizando uma lente extremamente limitada e pobre para a compreensão do que é e como se desenvolve saúde. Essa compreensão limitada vem prejudicando por décadas até a atualidade, o entendimento e desenvolvimento desse rico conteúdo, ao gerar afastamentos desse tema pelos professores.

Outra tentativa de avanço em relação à concepção de saúde, surgiu através da tendência pedagógica conhecida como Saúde Renovada, mas que nada mais era que uma repetição da visão de Aptidão Física, como informa Narduchi (2023) ao criticar essa tendência voltada para alunos obesos, deficientes, de baixa aptidão física, portanto é uma reprodução acrítica de concepções anteriores a essa, não agrega e nem traz desenvolvimento para o tema da saúde em sala de aula. Desenvolvendo essa argumentação o autor afirma a necessidade de superação reforçando que

A Educação Física precisa rever seus paradigmas em relação à saúde dos corpos, vislumbrando novas perspectivas de trabalho com ênfase no cuidado de si e do outro, nas relações sociais baseadas na inclusão e no respeito entre todos e na promoção de uma cultura da paz. (Narduchi, 2023, p.14).

Os paradigmas precisam ser mudados, a saúde não pode mais ser trabalhada com uma visão fechada que não leva em conta o aluno e o seu entorno social. Portanto, é necessária uma mudança de perspectiva, uma mudança de pensamento,

enfim uma mudança de concepção que traga novas perspectivas para alunos, professores e para a escola no geral.

3.4 A PERSPECTIVA DA PROMOÇÃO DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Nos próximos tópicos, buscamos compreender como a saúde é entendida e como uma visão tradicional pode ser superada. Para isso, os professores devem buscar conceitos e formas de tratar esse assunto em suas aulas de modo que venham a trazer reflexões críticas de saúde.

Conceitos como Educação em Saúde e Promoção da Saúde são relevantes à Educação Física escolar, que deveria estar voltada para os processos de ensino aprendizagem envolvendo temas correlatos à saúde corporal. A Promoção da Saúde traz um enfoque mais amplo que a Educação em Saúde, sendo esta, com seu caráter primordialmente educativo, uma parte integrante das ações daquela (Marinho; Silva, 2013 apud Narduchi 2023, p.3)

Esses conceitos trazem um foco que tenta fugir da aptidão física e trabalha novas formas de ensinar e trabalhar a saúde nas aulas, superando o tradicional e caminhando a uma nova forma de concepção de saúde para o conteúdo das aulas de educação física no ensino fundamental.

O conceito de promoção da saúde definido na Carta de Ottawa, segundo Lopes (2010) aponta para o “processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação nesse processo”. Nessa definição já começa a aparecer o social, a inclusão das pessoas nesse processo de promover saúde, uma participação maior no processo de dar meios para se ter saúde, discutir saúde e promovê-la. Além disso, o autor enfatiza que existe termos substitutos nos documentos que falam da promoção da saúde e que expressam

[...] a idéia de promoção da saúde nos documentos analisados e se referem à qualidade de vida, ao empoderamento e capacitação da comunidade, ambientes favoráveis à saúde, saúde, ambiente e desenvolvimento humano e à saúde e cidadania. Tais termos estão inter-relacionados devido ao exercício da cidadania se dar de forma mais dinâmica quando os indivíduos estão plenamente envolvidos. (Lopes 2010, p.466).

O envolvimento da comunidade, de pessoas e dos cidadãos que compõem a sociedade é um dos pilares da promoção da saúde. A inclusão é mostrada nas

entrelinhas. Incluir para promover saúde, participação de todos para capacitação da sociedade em ter conhecimento sobre saúde, pois a participação da comunidade nesse processo de conscientização, capacitação e empoderamento, no sentido de ter autonomia para desenvolver e promover saúde se torna mais estimulante, a evolução se faz palpável na comunidade.

Nessa perspectiva os alunos podem ter participação, os professores devem inserir os alunos nesse processo, nos quais eles mesmos deveriam estar envolvidos. Para tanto, a formação inicial e continuada de professores se mostra instrumento de excelência para a ampliação da qualificação e criação de mecanismos necessários para tornar os seus alunos capazes de ter consciência da abrangência da saúde, sua importância e seus benefícios, capacitando-os para que tenham parte nesse processo comunitário. Nessa perspectiva a saúde está imbuída de diversos fatores que têm relação intrínseca com a qualidade de vida, entre os quais encontra-se a Educação.

Nesta perspectiva, a saúde está imbuída de fatores que se relacionam à qualidade de vida, como alimentação, educação, emprego e renda e os pré-requisitos já descritos anteriormente, como paz, justiça social e equidade. As estratégias e ações de promoção da saúde envolvem diversos ambientes, através de políticas públicas e de condições favoráveis ao desenvolvimento da saúde, sendo necessário o reforço das habilidades das pessoas envolvidas no processo. (Lopes 2010, p.6)

Por essa ótica, a saúde não é apenas um esforço de um órgão, uma pessoa ou um grupo. Constitui-se de uma série de fatores relacionados à qualidade de vida, o que resgata a importância da educação como um direito fundamental e imprescindível para o desenvolvimento social, posto no artigo 205 da Constituição Federal de 1988.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Brasil, 1988)

Tendo em vista que a Educação é direito de todos e dever do estado, sendo incentivada socialmente para o pleno desenvolvimento da pessoa que dela usufrui e que o conceito de promoção da saúde demonstra trabalhar com inclusão das pessoas da sociedade nessa promoção para capacitação, não deve deixar dúvidas de que a Escola, os seus professores e funcionários devem incluir a saúde como conteúdo fundamental, tendo em vista o pleno desenvolvimento dos alunos.

Além disso, o conceito da promoção da saúde inclui também o reforço das habilidades das pessoas envolvidas nesse processo, os professores devem empregar

suas habilidades adquiridas em suas graduações para abordar a saúde, incluindo-a no processo de pleno desenvolvimento. A saúde é direito da sociedade, sem ela o aluno não se torna pleno. Portanto, o ambiente escolar se torna favorável para a construção do tema saúde, por oportunizar aos alunos a construção de conhecimento voltado para o desenvolvimento na perspectiva da promoção da saúde, de forma que

O que, entretanto, vem caracterizar a promoção da saúde, modernamente, é a constatação do papel protagônico dos determinantes gerais sobre as condições de saúde, em torno da qual se reúnem os conceitos e práticas do segundo tipo de enfoque. Sustenta-se ele na constatação de que a saúde é produto de um amplo espectro de fatores relacionados com a qualidade de vida, incluindo um padrão adequado de alimentação e nutrição, de habitação e saneamento, condições adequadas de trabalho e renda, oportunidades de educação ao longo de toda a vida, ambiente físico limpo, apoio social para famílias e indivíduos, estilo de vida responsável e um espectro adequado de cuidados de saúde. Neste caso, as atividades de promoção estariam, então, mais voltadas ao coletivo de indivíduos e ao ambiente, compreendido num sentido amplo, de ambiente físico (natural e construído), social, político, econômico e cultural o que só seria possível através de políticas públicas intersetoriais e de ambientes favoráveis ao desenvolvimento da saúde, assim como do reforço da capacidade de ação dos indivíduos e das comunidades (em-powerment) em prol da sua saúde. (Buss, 2002, p. 52).

O autor ainda faz uma adição a Educação, sendo essa “ao longo de toda a vida”, uma educação contínua, claro, que inclua e tenha em si o conteúdo saúde. Além disso, esse autor também enfatiza a cooperação da sociedade afirmando que as atividades de promoção estariam mais voltadas ao coletivo de indivíduos e ao ambiente, natural ou construído, isso se encontra em grande medida no ambiente escolar que promove a educação. A esse respeito diz,

Entretanto, por mais abrangentes que sejam tais ações, os focos sobre os indivíduos e as famílias, embora muito necessários, são insuficientes para que de fato se promova a saúde. Para que isto ocorra é preciso que se identifique e atue sobre os determinantes socioculturais e econômicos mais amplos que influenciam o processo saúde-doença, isto é, sobre as condições de vida, enfrentando os componentes nocivos e estimulando os que sabidamente fomentam a saúde. Isto implica que para se promover saúde não basta apenas a mobilização do setor saúde e da atuação de seus profissionais, se não que, de forma articulada, são necessárias políticas e ações intersetoriais, com a mobilização da sociedade e de outros segmentos do poder público. (Buss, 2002, p.52)

É necessária a atuação sobre os determinantes socioculturais e econômicos mais amplos, que vão além da falta de doenças, além de discursos para melhorar a compleição física ou ser magro. Isso pede que se vá além do setor da saúde e se estabeleça uma aproximação com outros setores para se promover com eficácia a saúde, de forma articulada, como a educação trabalhando, trazendo a saúde como

conteúdo para as aulas tendo em vista a conscientização e capacitação dos alunos a conseguir enxergar as diversas facetas daquilo que constitui a saúde.

Mas, apesar dos avanços que a promoção da saúde e seus benefícios proporcionaram na área da saúde, essa nova concepção que foge da concepção higienista, limita sua contribuição para pesquisas e práticas, e para ampliar a visão sobre relação entre Educação Física Escolar e saúde. Essa concepção multifatorial se debruça sobre os “fatores” e “determinantes” isolando esses fatores como se fossem causas pontuais e separadas de saúde. Por isso, o termo vem sendo usado de forma polissêmica que foge de um olhar pedagógico e vai para um olhar do “biodiscurso”, que foca na relação exercício físico e saúde, excluindo as condições adjacentes como situação financeira, localidade, tempo para exercícios e condições de se exercitar, relação familiar, entre outros que influenciam na saúde. Em concordância com Narduchi (2023) “[...]o termo promoção da saúde tem sido utilizado de forma polissêmica por profissionais e pesquisadores, sendo frequentemente incorporado ao ‘biodiscurso’ [...]” (Narduchi, 2023, p.1).

Essa visão errônea vem das marcas higienistas que influenciaram a concepção de alguns professores e que focam somente o biológico: “Quanto à forma como a saúde é concebida, como já esperado, se constata a prioridade atribuída aos determinantes biológicos na relação entre Educação Física e saúde” (Mantovani 2021, p.12). O número de pesquisas sobre as condições sociais para promoção da saúde tem aumentado nesses estudos que focam no biodiscurso, mas estão sendo usados apenas para fundamentar esse discurso em vez de se afastar dele, apesar da promoção da saúde incluir o social, as pesquisas vão num caminho contrário. Daí surgirem afirmações na direção de que:

[...] compreendemos que no campo social podem ser produzidas relações para que as pessoas percebam a sua saúde (DEJOURS, 1986) e, nesse caso, a educação é um campo profícuo no desenvolvimento de competências relacionais do sujeito consigo mesmo, com os outros e com o seu ambiente. A ampliação que ganhou a saúde, nos projetos e relatos, está ligada às questões das relações sociais – que se vincula à dimensão social da educação para a saúde (Kottmann; Küpper, 1999 apud Oliveira, pg. 6, 2015)

A concepção que leva em conta o aspecto social e não apenas o físico deve ser considerada, pois a saúde vem do sujeito, da relação com outros e com o ambiente, tendo assim uma visão ampliada, que leva em conta diversos fatores.

3.5 A PERSPECTIVA CRÍTICA DA SAÚDE COLETIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Seguindo a crítica “Nessa perspectiva, uma aproximação entre Educação Física e saúde coletiva é importante [...]” (Mantovani 2021, p.2) a saúde coletiva é uma visão que tem ganhado força e que tem muito a contribuir para os conteúdos da Educação Física Escolar. Estudiosos afirmam que

[...] a saúde coletiva [...] contribui com o estudo do fenômeno saúde/doença em populações enquanto processo social; investiga a produção e distribuição das doenças na sociedade como processos de produção e reprodução social; analisa as práticas de saúde (processo de trabalho) na sua articulação com as demais práticas sociais; procura compreender, enfim, as formas com que a sociedade identifica suas necessidades e problemas de saúde, busca sua explicação e se organiza para enfrentá-los. (Paim, Almeida Filho, 1998, apud Mantovani 2021, p.3)

Essa nova perspectiva é essencial para fazer com que se amplie o olhar da Educação Física Escolar para a questão da saúde e fuja do higienismo ou de concepções que só abordam a relação exercício físico e saúde, pois a saúde coletiva investiga as condições sociais que produzem e reproduzem doenças, considerando os mais diversos aspectos que levam a isso. É uma concepção abrangente que deve ser abordada nas aulas, que leve os alunos a refletirem sobre as condições sociais prejudiciais à saúde e os leve a olhar criticamente as condições sociais e possam desenvolver a reflexão junto a esse conteúdo, o que já tem sido ventilado, pois

Este olhar pode ser percebido, nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1997), como no exemplo destacado a seguir. No âmbito da Educação Física, os conhecimentos construídos devem possibilitar a análise crítica dos valores sociais, tais como os padrões de beleza e saúde, que se tornaram dominantes na sociedade (BRASIL, 1997, p. 25 apud Mantovani 2021, p.3)

Essa perspectiva da saúde coletiva traz essas reflexões e momentos para os alunos. Quando bem trabalhada, é de suma importância a compreensão e aplicação dessa concepção para que os alunos venham ater acesso a esse conteúdo e disponham de uma plena formação, pois como foi dito por Mantovani (2021) os conhecimentos que são construídos em aula devem possibilitar ao aluno o olhar crítico sobre as relações sociais, aos valores também como o exemplo dos padrões de beleza. Portanto,

[...] define-se, então, a Saúde Coletiva como uma área do saber que toma como objeto as necessidades sociais de saúde (e não apenas as doenças, os agravos ou os riscos) entendendo a situação de saúde como um processo

social (o processo saúde-doença) relacionado à estrutura da sociedade e concebendo as ações de atenção à saúde como práticas simultaneamente técnicas e sociais. (Souza, 2014, p.11)

A saúde coletiva vai além da promoção da saúde, ela entende que a saúde é um processo feito pela sociedade. A promoção da saúde mobiliza as pessoas para capacitá-las a observar os determinantes/fatores de condições de saúde e não como se a saúde fosse produto de fatores tratados como coisas separadas, por exemplo, melhorar o hábito ou se exercitar mais. A promoção da saúde inclui as pessoas para tentar identificar esses determinantes em situações específicas e sem relação umas com as outras. A saúde coletiva mostra que a saúde é um processo social, mesmo que o indivíduo não consiga perceber ele está trabalhando no processo de saúde, enquanto a promoção da saúde olha os determinantes/fatores, a saúde coletiva vê a sociedade como um todo sendo modeladora da saúde. A promoção da saúde traz o social para combater e enxergar coisas separadas, a saúde coletiva mostra a sociedade que é ela que modela a saúde. Na perspectiva de conceituar Saúde coletiva, a abordagem em relação a saúde difere um pouco da promoção da saúde,

Assim definida, a Saúde Coletiva propõe a superação das intervenções sanitárias sob a forma de programas temáticos, voltados a problemas ou grupos populacionais específicos e baseados em uma epidemiologia meramente descritiva e em uma abordagem normativa de planejamento e administração, por intervenções articuladas de promoção, proteção, recuperação e reabilitação da saúde, baseadas em uma abordagem multidisciplinar, com a contribuição das ciências sociais, da epidemiologia crítica e do planejamento e da gestão estratégicas e comunicativas. (Souza 2014, p.11)

A descrição de Souza (2014) elucida a diferença da promoção da saúde e saúde coletiva, além de mostrar uma participação de ciências sociais no processo de promoção, proteção, recuperação e reabilitação da saúde na sociedade, ela faz um esforço para mostrar que a sociedade é a determinante para a saúde e é com base nisso que a saúde coletiva trabalha, não de forma articulada com grupos diversos e meramente descritivos, mas de forma articulada com ciências sociais. Essa articulação é importante para que a sociedade seja estudada como modeladora da saúde, trazendo para a saúde os diversos significados e formas, da epidemiologia crítica que olha para a sociedade como um todo e questiona o porquê que algumas comunidades sofrem ou adoecem mais que outras. Questiona a razão do planejamento e da gestão estratégica e comunicativa que faz a sociedade, que da

forma como se organiza e se constrói muda a saúde, determina a saúde, modela a saúde.

A saúde coletiva observa e trabalha não vendo determinantes específicos isoladamente, mas considerando que a sociedade é a originadora da saúde, não só a original, mas a torna acessível, boa ou ruim. Considera também que a sociedade pode ser originadora da doença da mesma forma que origina e modifica a saúde na forma como se organiza, como age e como se estrutura como um todo. Corroborando com essa assertiva temos que,

a) A saúde, enquanto estado vital, setor de produção e campo de saber, está articulada à estrutura da sociedade, apresentando, portanto, historicidade; b) As ações de saúde constituem uma prática social; c) O objeto da Saúde Coletiva é construído nos limites do biológico e do social e compreende a investigação dos determinantes da produção social das doenças e da organização dos serviços de saúde e o estudo da historicidade do saber e das práticas; d) A Saúde Coletiva envolve a crítica permanente dos projetos de redefinição das práticas de saúde; e) O processo de ensino-aprendizagem pode ser acionado como prática de mudança ou de manutenção do status quo social e sanitário; O conhecimento não se produz pelo contato com a realidade, mas pela compreensão de suas leis e pelo comprometimento com a sua transformação; A Saúde Coletiva privilegia uma prática pedagógica dialógica; h) A Saúde Coletiva remete a uma concepção ampliada de prática: técnica, teórica e política; [...] j) O conceito de inserção no complexo de saúde admite a participação de docentes e discentes em distintos níveis político-administrativos, técnico-administrativos e técnico-operacionais; O conceito de participação em saúde transcende o âmbito do planejamento e da gestão da saúde e passa pela democratização da vida social. (Souza, 2014, p.11-12)

As definições são abrangentes e elucidam o trabalho da saúde coletiva e seu olhar para a sociedade que inspira a prática pedagógica. A sociedade tem muito a contribuir para as aulas de Educação Física, pois pode se utilizar do processo de ensino aprendizagem para mudar o status quo social e sanitário, indo além de mudanças de comportamento ou de alimentação, enfim influenciando e mudando a si mesma. Esse potencial da sociedade exerce grande força nas escolas que formam alunos que atuam e irão atuar na sociedade.

A saúde coletiva abrange a visão que a promoção da saúde não conseguiu, qual seja, ela interage com a sociedade como um todo e tenta através de seus esforços com as ciências sociais mudar situações adversas também através do processo de ensino aprendizagem. Cria assim, o espaço pedagógico no qual o professor de Educação Física tem a oportunidade de atuar com a saúde, para alcançar mudança social trabalhando a saúde na perspectiva da saúde coletiva com seus alunos nas aulas.

Mas a saúde coletiva vai além, ela admite a participação de professores e alunos em processos políticos e administrativos tendo em vista a mudança da sociedade rumo a uma organização que desencadeia saúde, que torna a saúde acessível, uma organização social que para de criar doenças, uma estrutura de saúde coletiva. O professor tem papel ímpar nessa abordagem, ele é fundamental, porque é ele que trabalha com a base da sociedade, as pessoas, os alunos que irão, no futuro, atuar em profissões e que no presente já atuam na sociedade compartilhando o que aprendem, muitos até utilizando o que aprendem. Quando os professores exercem a prática pedagógica tomando por base a saúde coletiva, os alunos são formados como agentes aptos a levar a saúde coletiva adiante. Infelizmente, a literatura adverte que:

Apesar disso, não são apresentadas orientações ou propostas que auxiliem professores e professoras a incluírem a análise crítica sobre saúde como tema das aulas. Ao contrário, nos raros trechos em que a saúde é mencionada, são os benefícios biofisiológicos do exercício físico os temas eleitos, a exemplo do que acontece quando se analisa o ensino do bloco de conteúdos conhecimentos sobre o corpo (Mantovani 2021, p.3).

3.6 A SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

A análise dos documentos curriculares, mostra que as orientações ou propostas auxiliares do professor são quase inexistentes e na prática o que se vê são propostas que focam o biofisiológico, repetindo uma visão que se tenta superar. Mas Mantovani (2021, p.3) percebe que “nos documentos curriculares nacionais é possível encontrar a recomendação para que as aulas de Educação Física sejam fundamentadas na concepção ampliada de saúde”. O professor deve se esforçar para ministrar sua aula com o conteúdo da saúde, na concepção da saúde coletiva que se apresenta como a mais adequada, sempre trabalhando o olhar crítico sobre as relações sociais que permeiam a saúde e que podem gerar a falta dela, fugindo de uma visão biologicista e higienista. Na continuidade do seu argumento afirma que,

[...] é preciso adotar uma concepção ampliada de saúde, procurando inserir este tema no currículo e problematizá-lo, de forma articulada com os demais conhecimentos da cultura corporal de movimento, estimulando o(a) estudante a refletir criticamente sobre a complexidade do processo de promoção da saúde (Mantovani 2021, p.7).

É de extrema importância essa perspectiva não higienista da saúde, pois ela tem muito a agregar, a saúde coletiva que surge como uma possibilidade crítica agregada ao conteúdo programático das aulas de educação física da escola. A importância dessa concepção ampliada reside na possibilidade de desenvolver nos alunos uma visão crítica, reflexiva capaz de analisar as relações sociais e seus valores através de uma visão ampliada de saúde.

Embora a análise de Mantovani (2021) traga importantes contribuições para a reflexão sobre a prática pedagógica que privilegia a abordagem higienista, no que se refere à base legal para formulações pedagógicas torna-se relevante o estudo da BNCC, que emerge como orientação legal atualizada e afirma que:

Há três elementos fundamentais comuns às práticas corporais: movimento corporal como elemento essencial; organização interna (de maior ou menor grau), pautada por uma lógica específica; e produto cultural vinculado com o lazer/entretenimento e/ou o cuidado com o corpo e a saúde. (Brasil, p. 213)

Na BNCC, a saúde já é tratada como conteúdo da prática corporal que é ensinada nas escolas, a saúde já é tratada como conteúdo que deve ser incluído no ambiente de aulas na escola. Além disso, a BNCC a classifica como produto cultural, o que contribui para reforçar o conceito de Saúde Coletiva que trabalha a saúde na perspectiva de construção social.

Ademais, a BNCC fala de conteúdos relacionados a saúde como a ginástica de condicionamento físico que pode ser trabalhada dentro da saúde coletiva e fomentar diversas discussões sobre saúde, tendo em vista a formação do aluno com a compreensão coletiva de saúde.

A BNCC também aponta algumas dimensões do conhecimento que deve ser trabalhado pelos professores entre elas se encontra a construção de valores que, segundo a BNCC,

vincula-se aos conhecimentos originados em discussões e vivências no contexto da tematização das práticas corporais, que possibilitam a aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática. A produção e partilha de atitudes, normas e valores (positivos e negativos) são inerentes a qualquer processo de socialização. No entanto, essa dimensão está diretamente associada ao ato intencional de ensino e de aprendizagem e, portanto, demanda intervenção pedagógica orientada para tal fim. Por esse motivo, a BNCC se concentra mais especificamente na construção de valores relativos ao respeito às diferenças e no combate aos preconceitos de qualquer natureza. Ainda assim, não se pretende propor o tratamento apenas desses valores, ou fazê-lo só em determinadas etapas do componente, mas assegurar a

superação de estereótipos e preconceitos expressos nas práticas corporais (Brasil, p. 221)

A saúde como conteúdo a ser trabalhado, deve tomar como referência a construção de valores. Visto que a saúde coletiva trabalha a sociedade, essa dimensão axiológica deve ser tida como fundamental, pois os valores que a escola constrói nos seus alunos têm relevante potencial de reverberação na sociedade. A difusão desses valores deve ser um dos objetivos do professor, pois, os alunos que tiverem a saúde como algo em estima, como algo que deva ser levado adiante, provavelmente gerarão impacto na sociedade.

A BNCC também fala de superação de estereótipos, isso deve ser um dos objetivos principais de um professor que está preocupado com a qualidade do conteúdo que passará aos alunos e uma ótima oportunidade para mostrar a faceta social da saúde dita pela saúde coletiva, sendo uma boa oportunidade para quebrar estereótipos como: pessoas magras são saudáveis, saúde é apenas fazer exercícios, apenas ter uma boa alimentação e coisas assim. É uma oportunidade para mostrar que a saúde é além de exercícios, de alimentação ou ser magro, é uma construção social. A forma como a sociedade cresce e se organiza é a forma como dá origem à saúde, pois sendo multifatorial, a sociedade forma a condição da saúde ou de doenças. Essa é uma oportunidade que os professores devem aproveitar dentro de suas aulas, se conceber a sua prática pela lente do avanço na visão crítica dos alunos em relação à sociedade. Outra dimensão do conhecimento apontado na BNCC é o protagonismo comunitário:

[...] refere-se às atitudes/ações e conhecimentos necessários para os estudantes participarem de forma confiante e autoral em decisões e ações orientadas a democratizar o acesso das pessoas às práticas corporais, tomando como referência valores favoráveis à convivência social. Contempla a reflexão sobre as possibilidades que eles e a comunidade têm (ou não) de acessar uma determinada prática no lugar em que moram, os recursos disponíveis (públicos e privados) para tal, os agentes envolvidos nessa configuração, entre outros, bem como as iniciativas que se dirigem para ambientes além da sala de aula, orientadas a interferir no contexto em busca da materialização dos direitos sociais vinculados a esse universo. (Brasil, pg. 222)

De conformidade com a BNCC, a saúde é conteúdo da prática corporal, sendo o professor o agente da promoção desse conhecimento passível de viabilizar o acesso das pessoas à essa prática, democratizando a saúde através da participação dos alunos nas decisões e ações que promovam essa democratização na sociedade. A

concepção de saúde coletiva trazida por Souza (2014, p.12) ressalta que a “inserção no complexo de saúde admite a participação de docentes e discentes em distintos níveis político-administrativos, técnico-administrativos e técnico-operacionais.” A saúde coletiva incentiva a participação dos alunos nas decisões sociais, assim como a BNCC, o que evidencia a importância do acesso ao conteúdo saúde como forma de democratizar tal conhecimento e passar esse à sociedade. Faz-se necessária uma inserção desse conteúdo nas aulas de Educação Física, como campo fértil e propício que é para abordar esse conteúdo e discutir saúde atrelada aos mais variados conteúdos de forma que os alunos entendam como ela é formada pela sociedade e como a sociedade a modela, podendo assim participar das decisões e ações para a democratização da saúde e mudança de valores sociais relacionados à saúde. Além dessas dimensões de conteúdo a BNCC traz competências específicas que devem ser trabalhadas nas aulas de Educação Física, entre elas

[...] 3. Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais. 4. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas. [...] 8. Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde. [...] (Brasil, p. 223)

As competências que muitos professores têm deixado de lado são obrigações expostas e regulamentadas pela BNCC. Refletir criticamente sobre a saúde como dimensão das práticas corporais implica em abordá-la de forma crítica para os alunos, como forma de construção de competência a ser trabalhada nas aulas, inclusive no contexto das atividades laborais como ginástica laboral ou de rendimento.

Outro fator que merece destaque é a possibilidade de identificação da multiplicidade de padrões de saúde, abordada no âmbito do conceito de saúde coletiva de forma ímpar. Através da saúde coletiva, o professor tem todo aporte necessário para mostrar a multiplicidade de padrões, como a sociedade cria um padrão de saúde ou cria doença, por fazer uma saúde precária, como o todo da sociedade modela a saúde.

O professor pode ainda levar os alunos a analisarem criticamente os modelos que são postos na mídia, entendendo se aquilo condiz ou não com a realidade que cerca o aluno, se aquele modelo é benéfico ou é prejudicial, se ajuda a mudar a

sociedade ou não, além de quebrar os preconceitos endereçados aos obesos, às pessoas em desnutrição, à pessoa deficiente física e outros preconceitos promovidos na sociedade e com as quais os alunos têm contato todo dia e, em muitos casos, os praticam. Nesse sentido se mostra como conteúdo relevante a discussão sobre os valores, mencionados na BNCC e a importância do professor trabalhar esse conteúdo com os alunos dentro das aulas discutindo-o criticamente.

As práticas corporais como meio de fomentar a promoção da saúde possibilita aos alunos o acesso a uma promoção realista e palpável de saúde, sendo mais uma das competências que o professor deve trabalhar para desenvolver nos seus alunos em suas aulas. Uma vez potencializados o envolvimento e a promoção da saúde nos alunos, isso será também feito por eles no espaço social extramuros da escola, após terem contato com o conteúdo passado pelo professor.

Portanto, de acordo com a BNCC, é obrigatório e não questão de escolha que o professor fale de saúde nas aulas discuta e trabalhe este conteúdo criticamente e seriamente, pois é competência do professor discutir saúde, discutir as suas diversidades e como ela é construída socialmente, como a sociedade a modifica. O professor não deve deixar de falar da saúde, sob pena de privar os alunos de conteúdo relevante e imprescindível para uma plena formação. De acordo com uma das dimensões do conhecimento da BNCC que se refere ao Uso e apropriação diz:

Uso e apropriação: refere-se ao conhecimento que possibilita ao estudante ter condições de realizar de forma autônoma uma determinada prática corporal. Trata-se do mesmo tipo de conhecimento gerado pela experimentação (saber fazer), mas dele se diferencia por possibilitar ao estudante a competência necessária para potencializar o seu envolvimento com práticas corporais no lazer ou para a saúde. Diz respeito àquele rol de conhecimentos que viabilizam a prática efetiva das manifestações da cultura corporal de movimento não só durante as aulas, como também para além delas. (Brasil, p. 220, 2018)

Os conhecimentos ministrados pelos professores devem fazer com que os alunos sejam estimulados a se envolver com práticas corporais, como a saúde. Portanto os conteúdos ministrados pelos professores precisam considerar a saúde como tema principal ou transversal com significativo potencial transformador de formação de cidadãos participativos. A Educação Física dispõe de diversos conteúdos como lutas, jogos e brincadeiras, ginástica, esportes e dança que fazem parte da cultura corporal, portanto,

Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (Coletivo de Autores 2012,p.39 apud Brasileiro, *et al*, 2016, p.1005)

Todos esses são conteúdos pertinentes à Educação Física e devem ser abordados, tendo em vista a potencialização do estudante no envolvimento com a saúde.

3.7 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS QUE VIABILIZEM A ABORDAGEM DA SAÚDE COMO CONTEÚDO EM AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Neste tópico, buscamos examinar estratégias pedagógicas que viabilizem a abordagem da saúde como conteúdo em aula de educação física. No âmbito desses grandes conteúdos várias possibilidades de ensino são destacadas pela literatura que oferecem possibilidades de intervenção da prática escolar, conforme mostra o estudo de uma série de artigos, no qual o autor afirma,

Organizamos ainda os assuntos abordados pelos artigos, a fim de evidenciar as práticas discursivas que tratam de diferentes possibilidades de intervenção na Educação Física escolar. Os temas dança de rua (1), dança popular (2), dança folclórica (2), dança-improvisação (2), dança de salão (1), dança e inclusão (1) e dança-educação (2) foram agrupados na categoria Dança (4). Categorizados como Esporte, encontramos futebol (6), handebol (4), atletismo (2), natação (1), tênis (1), esporte adaptado (1). Sobre Ginástica, identificamos ginástica geral (2), acrobática (1), circense (5), artística (1), e rítmica (2). Em Jogos e Brincadeiras, mapeamos brincadeiras açorianas (1), jogos populares (2), jogos eletrônicos (1), xadrez (2), jogos cooperativos (1) e brincadeiras folclóricas (1). Dos trabalhos sobre Lutas, encontramos judô (1) (Matos, 2013, p.131).

Existem diversas possibilidades em que se pode trabalhar a saúde dentro de sala de aula, em todos esses conhecimentos a saúde pode aparecer como um tema que agrega muito aos alunos, além de ser uma exigência da BNCC. Práticas como jogos escolares, feiras de conhecimento, projetos são algumas possibilidades de trabalhar a saúde dentro dos conteúdos de Educação física. Uma dessas possibilidades evidencia que a saúde pode ser abordada nas práticas pedagógicas da

Educação Física. O relato da observação de um evento de jogos escolares que envolvia a saúde, afirma que:

Esse projeto se configurou na realização de jogos escolares (5ª a 8ª séries) e um festival (1ª a 4ª séries), o que se configura como uma atividade extra-aula de EF. O foco central esteve nas relações de cuidado de si, cuidado do outro e na promoção de encontros, que, em si, contribuiriam para a potencialização da vida dos alunos envolvidos. Segundo os professores, “o jogo que queriam jogar” tem relação com outros aspectos relacionados à saúde, entre eles a questão social e os relacionamentos interpessoais. Os jogos escolares foram construídos em colaboração com os alunos, através do sistema de representantes de turma. (Oliveira, pg. 246, 2015)

Já outro exemplo de prática pedagógica que enfatiza a saúde foi trazido por uma professora que fez um projeto de inclusão e relações sociais envolvidas com a saúde:

A questão central do projeto girou em torno de como, a partir das relações sociais, os alunos com deficiência podem ser incluídos nesse espaço. Nesse sentido, foram elencadas questões como o cuidado com o outro, a solidariedade e cooperação. Procurou-se proporcionar momentos nos quais os alunos vivenciassem situações em que pudessem se colocar no lugar do outro e, assim, sentirem-se incentivados a terem atitudes inclusivas que se transformem em práticas de vida. Os conteúdos foram os “jogos e esportes adaptados” (Projeto). As ferramentas utilizadas foram: 1) sensibilização a partir do filme “Os intocáveis”; 2) listagem de atividades do cotidiano escolar; 3) simulação de uma pessoa com deficiência (cadeirante, surdo, cego, mudo) ou obesa; 4) relatos das experiências sobre a simulação; 5) montagem de painel sobre o tema; 6) vivência de jogos cooperativos e esportes paraolímpicos (vôlei sentado e atletismo com guia). É interessante ressaltar que esse projeto teve vínculo colaborativo com a professora regente e estagiárias. (Oliveira, 2015, p. 245-246)

Esses importantes relatos mostram como a saúde pode ser trabalhada usando os conteúdos da Educação Física fora de visões limitantes e pouco proveitosas. Quando a Educação Física tem em vista a reflexão, esses assuntos são possíveis de serem abordados sem ser em visões de condicionamento físico e higienistas, uma vez que;

Os projetos desenvolvidos projetaram um deslocamento do papel da EF para com a saúde na escola, de uma ação direta sobre a saúde (atividade física e saúde) para uma ação que visa à educação para a saúde. Uma vez constatado que os projetos apresentaram um tratamento pedagógico, ressaltamos a tese de que a saúde para a EF é uma questão pedagógica. (Oliveira, 2015, p. 251)

A Educação Física para a saúde é uma base curricular importante para que os professores possam oportunizar nas aulas momentos de discussões e reflexões sobre a saúde e sociedade. Naturalmente isso exige criatividade dos professores para formular projetos e práticas que discutam e evidenciam a saúde, tratando de todo

processo social que a gerou. Nessa perspectiva, os projetos seriam os mais variados, com os mais variados conteúdos abrangendo as mais variadas formas de abordar a saúde, buscando agregar conhecimento para o desenvolvimento e potencialização do aluno na Educação Física e nas práticas pedagógicas como um todo. Todos os conteúdos da Educação Física têm ligação com a saúde como um dos conteúdos mais conhecidos dessa área, especialmente:

O esporte é um fenômeno sociocultural, de alcance mundial e que contempla todos e todas, seja como prática ou simplesmente, como espetáculo. O ser humano vive, de certa forma, envolvido com o esporte em diversos aspectos da sociedade, tais como: educação, economia, política, lazer, saúde, entre outros. (Gaia, 2024, p.6)

O esporte envolve tudo, inclusive a saúde, uma das formas de se trabalhar a saúde é através dele e de suas mais variadas formas, com esportes menos praticados e/ou divulgados como Badminton, Futebol Americano, Tennis de Mesa, Beisebol, Slackline e outras, todas são maneiras criativas de se trabalhar na escola, todas são oportunidades de se trabalhar a saúde em sala de aula, tornando o aluno apto a participar dessas práticas. Várias temáticas podem ser desenvolvidas e trabalhadas com os alunos na escola, dentro das aulas como temas transversais.

São elas: barreiras para a prática de atividades físicas, discutindo aspectos como a existência ou não de espaços públicos de lazer (e a importância de existirem esses espaços); as desigualdades sociais e econômicas que afetam o padrão de vida contemporâneo; a falta de tempo (muitas vezes, relacionada ao excesso na jornada de trabalho); a violência; os programas públicos existentes (ou não) que incentivam a prática de atividade física; a lógica do crescimento urbano (muitas vezes, desordenado e incompatível com os modos de deslocamentos ativos ou com as tendências de cidades mais planejadas). (Ferreira, Teixeira, 2020, p. 266)

Essas são possibilidades de abordar a saúde em aula, trazer reflexões e críticas sobre a sociedade relacionando com a saúde, temas pertinentes podem ser trabalhados e agregar a formação e criticidade dos alunos. Além disso, trazer essas reflexões exige estimular os alunos a pensarem, isso pode vir a fazer com que o aluno leve isso para fora da escola, sendo um benefício tanto para ele quanto para a sociedade, é de suma importância trabalhar a saúde dentro das aulas.

Dessa forma se pode alcançar o que exige a BNCC, potencializar o aluno a participar de tais práticas, agregando a vida dos alunos e trazendo reflexões pertinentes e de formas criativas que estimulam a criatividade dos docentes e dos alunos que podem ser inseridos nesses processos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho mostra a importância de abordar a saúde como conteúdo das aulas de Educação Física na perspectiva de superar a abordagem filiada à pedagogia tradicional e tecnicista que privilegia a aptidão física, nas quais se filia à concepção higienista e biologicista que deixa lacuna significativa na formação do aluno. Tal abordagem é relevante à medida que possibilita o acesso do aluno a culturas corporais e práticas variadas viabilizando a construção de competências que o tornem um agente transformador da sociedade.

A saúde coletiva é uma abordagem abrangente da saúde para ser considerada em sala de aula. Ligada a temas sociais, analisando a sociedade como um todo, ela é uma grande possibilidade para ampliar temas culturais e sociais ao trazer a saúde nas aulas de Educação Física. Além disso a BNCC, ao dispor que esse tema seja tratado nas aulas em suas diversas nuances, sinaliza que não é possível ignorá-lo, cabendo ao professor planejar e criar estratégias para trabalhar esse conteúdo nas aulas.

Podendo ser abordado em lutas, dança, ginástica, esportes, jogos etc., a saúde é um tema que pode ser tratado com as mais diversas possibilidades, nos mais diversos contextos, de forma que o aluno aprenda cultural e socialmente a saúde junto a outros temas igualmente relevantes, sem perder nenhuma criticidade e fora de perspectivas tradicionais, técnicas e biologicistas que limitam sua visão, tendo assim a formação mais íntegra.

O presente trabalho não tem a pretensão de esgotar a temática ou se definir como pronto e acabado. Sua perspectiva é promover a reflexão sobre a importância de avançar para além das concepções tradicionais ainda presentes nas práticas pedagógicas de educação física e suscitar questionamentos epistemológicos que promovam novas pesquisas no campo da inserção da saúde como conteúdo programático nas escolas de educação básica.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, P. DE C.; KNUTH, A. G. Saúde e educação são temas pertinentes à licenciatura e ao bacharelado em Educação Física?. *Journal of Physical Education*, v. 32, p. e3229. <https://doi.org/10.4025/JPHYSEDUC.V32I1.3229>. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jpe/a/tdH4X6fyC6k556F6sVG8H6J/?lang=pt>
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- BRASIL. MEC. Base Nacional Comum Curricular. Educação é a Base. Disponível em https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_s_ite.pdf
- BRASILEIRO, L. T.; AYOUB, E.; MELO, M. S. T. de.; LORENZINI, A. R.; PAIVA, A. C. de.; JUNIOR, M. B. S. A cultura corporal como área de conhecimento da Educação Física. *Pensar a Prática*, Goiânia v. 19, n. 4. Agosto 2016. Disponível: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/41015>
- BUSS, P. M.; CZERESNIA, D.; FREITAS, C.M. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*, Rio de Janeiro: Fiocruz, v. 2, p. 19-42, 2002. Disponível em: [https://bvs.saude.gov.br/bvs/produtos/is_0103/IS23\(1\)021.pdf](https://bvs.saude.gov.br/bvs/produtos/is_0103/IS23(1)021.pdf)
- FERNANDES, M. H. ROCHA, V. M.; SOUZA, D. B. DE. A concepção sobre saúde do escolar entre professores do ensino fundamental (1ª a 4ª séries). IN: *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 12, n. 2, pg. 283–291. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000200004>. Maio 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/gWnH9RSQyPNMbbjVSSsShHc/?format=html&lang=pt>
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FERREIRA, M. S.; TEIXEIRA, J. C. Educação Física Escolar e Saúde: entendimentos e abordagens a partir da perspectiva discente. *Momento: diálogos em educação*. V. 29, n. 3, p. 253-273, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/12319>
- GAIO, R. O lúdico na iniciação esportiva: o caso da Ginástica Rítmica Popular. *Conexões*, v. 22. Abril 2024. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8675319>
- LIBÂNEO, J. C. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- LOPES, M. S. V. et al. Análise do conceito de promoção da saúde. *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 19, n. 3, p. 461–468. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072010000300007> julho de 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/7S9L397xtfzFJpHqbtmL38t/?format=html&lang=pt>

MANTOVANI, T. V. L., MALDONADO, D. T., FREIRE, E. S. A relação entre saúde e educação física escolar: uma revisão integrativa. *Movimento*, v. 27, p. e27008. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.106792>. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/mmQm6dDT9jBdML4Wpx6gNWF/?format=html&lang=pt>

MALACARNE, J. A. D.; ROCHA, M. B. Educação física escolar e a educação em saúde: uma análise em dissertações e teses brasileiras. IN: *Revista Brasileira de Ciências no Esporte*, nº 45, 2023, pg. 1-9. <https://doi.org/10.1590/rbce.45.e009622>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/Zs46RmbzSjDSj94fVLc9XpF/abstract/?lang=pt>

MATOS, J. M. C.; SCHNEIDER, O.; MELLO, A. S.; NETO, A. F.; SANTOS, W. A produção acadêmica sobre conteúdos de ensino na educação física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 02, p. 123-148, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/34213>

NARDUCHI, F. STRUCHINE, M. Educação física e saúde na escola pública: uma revisão sistemática da literatura. *Movimento*, v. 29, pg. e29020. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.128492>. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/6QgjqbmbpZMtK8FCmXs4zH7f/?lang=pt>

OLIVEIRA, V. J. M. DE., MARTINS, I. R., BRACHT, V. Projetos e práticas em educação para a saúde na educação física escolar: possibilidades!. *Revista da Educação Física/UEM*, v.26, n.2, pg.243–255. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i2.25600>. Abril de 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/ryMqfGF88Rj8tCwNG3jWCdB/?format=html&lang=pt>

ROSAS, R. R. et al. Educação física escolar relacionada à saúde: uma revisão de escopo dos estudos no Brasil. *Educação em Revista*, v. 40, p. e39543. <https://doi.org/10.1590/0102-469839543>. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/37tX8hznKKTZTqsfDmZcXHN/?format=html&lang=pt>

SAVIANI, D. Escola e democracia: para além da “teoria da curvatura da vara”. *Geminal: Marxismo e Educação em Debate*. Santa Catarina. 2013.

SOUZA, L. E. P. F. de. Saúde Pública ou Saúde Coletiva?. *Revista Espaço para a Saúde*. Londrina. v.15. n. 4. p. 07-2. outubro/dezembro. 2014. Disponível em: https://www.espp.pr.gov.br/sites/escola-saude/arquivos_restritos/files/migrados/File/saude_publica_4.pdf